

**ESPORTE ADAPTADO E
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA:
PROPOSTA DE UM PROGRAMA
DE ENSINO DAS HABILIDADES
MANIPULATIVAS DO *BADMINTON***



Amália Rebouças de Paiva e Oliveira
e Adriana Garcia Gonçalves

**ESPORTE ADAPTADO E
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA:
PROPOSTA DE UM PROGRAMA
DE ENSINO DAS HABILIDADES
MANIPULATIVAS DO *BADMINTON***

1ª Edição

São Carlos / SP

EDITORA DE CASTRO

2020

Conselho Editorial:

Profª Drª Adriana Garcia Gonçalves
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Prof. Dr Antenor Antonio Gonçalves Filho
Universidade Estadual Paulista – Unesp
Profª Drª Bruna Pinotti Garcia Oliveira
Universidade Federal de Goiás – UFG
Profª Drª Célia Regina Delácio Fernandes
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
Prof. Dr Felipe Ferreira Vander Velden
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Prof. Dr Fernando de Brito Alves
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP
Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira
Universidade Federal do Pará – UFPA
Profª Drª Heloisa Helena Siqueira Correia
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Prof Dr Hugo Leonardo Pereira Rufino
Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Campus
Uberaba, Campus Avançado Uberaba Parque
Tecnológico
Profª Drª Jáima Pinheiro de Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação – UFMG / FAE

Profª Drª Jucelia Linhares Granemann
Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul – Campus de Três Lagoas – UFMS
Profª Drª Juliane Aparecida P. P. Campos
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Profª Drª Layanna Giordana Bernardo Lima
Universidade Federal do Tocantins – UFT
Prof. Dr Lucas Farinelli Pantaleão
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Prof. Dr Luis Carlos Paschoarelli
Universidade Estadual Paulista – Unesp / Faac
Profª Drª Luzia Sigoli Fernandes Costa
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Profª Drª Marcia Machado de Lima
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Prof. Dr Marcio Augusto Tamashiro
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins – IFTO
Prof. Dr Marcus Vinícius Xavier de Oliveira
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Prof. Dr Mauro Machado Vieira
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Prof. Dr Osvaldo Copertino Duarte
Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Editor da Editora De Castro: Carlos Henrique C. Gonçalves

Projeto gráfico e arte para capa: Carlos Henrique C. Gonçalves

Preparador e revisor de textos/normalizações (ABNT): Frederico Helou Doca de Andrade
fredhelou@gmail.com
www.facebook.com/textualizese

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

P149 Paiva e Oliveira, Amélia Rebouças de.
Esporte adaptado e estudantes com deficiência :
proposta de um programa de ensino das habilidades
manipulativas do badminton [recurso eletrônico] / Amélia
Rebouças de Paiva e Oliveira e Adriana Garcia Gonçalves.
— 1. ed. — São Carlos : De Castro, 2020.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5854-068-7

1. Educação física para crianças com deficiência.
2. Badminton. 3. Educação inclusiva. 4. Crianças com
deficiência – Educação. I. Gonçalves, Adriana Garcia.
II. Título.

CDD 371.904486

DOI: 10.46383/isbn.978-65-5854-068-7

Todos os direitos desta edição reservados aos
autores. A reprodução não autorizada desta
publicação, no todo ou em parte, constitui violação
dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Editora De Castro
contato@editoradecastro.com.br
editoradecastro.com.br



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	
A educação física e o esporte adaptado: a democratização da prática esportiva	11
CAPÍTULO 2	
O ensino do esporte adaptado	21
CAPÍTULO 3	
Programa de ensino das habilidades manipulativas do <i>badminton</i>	39
CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS	81
AUTORES	93

APRESENTAÇÃO

O *badminton* é um esporte de raquete que pode ser jogado individualmente ou em duplas. Ele engloba inúmeras habilidades motoras ao proporcionar estímulos eficientes para contribuir com o desenvolvimento motor e cognitivo das pessoas com deficiência. O *parabadminton* ou *badminton adaptado* é um esporte voltado especificamente para as pessoas com deficiências, no qual são realizadas adaptações nos jogos e/ou nas regras para que o esporte se torne acessível a todos. A prática do *parabadminton* pode assumir caráter educativo, de lazer, mas também apresentar o modo competitivo.

Nesse sentido, essa obra se debruçou em adaptar o ensino do *badminton* convencional ao Público Alvo da Educação Especial (PAEE). Pensou em como orientar o professor de Educação Física da escola regular para utilizar estratégias de ensino e recursos pedagógicos e promover o aprendizado dessa modalidade.

Este livro é fruto de uma pesquisa de mestrado em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, desenvolvida por nós, como autora e orientadora e retrata uma sequência pedagógica utilizada para ensinar as habilidades manipulativas do *badminton* (*forehand*, *backhand*, e saque) aos alunos PAEE. É importante ressaltar que embora as adaptações referentes ao uso de estratégias de ensino e recursos diferenciados tenham sido realizadas para o PAEE, as mesmas contribuem para promover o ensino a todos os alunos da escola regular.

Convidamos vocês a conhecerem essa modalidade, ainda pouco difundida no Brasil, e a (re)pensar novas formas de promover práticas inclusivas na Educação Física.

**Amália Rebouças de Paiva e Oliveira
e Adriana Garcia Gonçalves**

INTRODUÇÃO

A educação especial é uma área do conhecimento que permite a atuação de diversos profissionais que buscam a mesma meta: estabelecer pesquisas, teorias e práticas diversas que estimulem a inclusão, seja ela educacional e/ou social, e oportunizem vivências e aprendizados, favorecendo o desenvolvimento das pessoas com deficiência, com altas habilidades ou superdotação e transtornos globais do desenvolvimento. De acordo com a Lei nº 12.796, no Art. 4º, o público-alvo a ser considerado na Educação Especial, na perspectiva da educação, inclusive, aponta alunos com deficiência que apresentam impedimento de longo prazo de natureza física, intelectual ou sensorial; alunos com Transtornos do Espectro do Autismo – TEA e que apresentam alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras; e alunos com altas habilidades/superdotação que apresentam potencial elevado e grande interesse nas áreas do conhecimento humano, sejam isoladas ou combinadas (BRASIL, 2013).

Na atualidade, a Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, representa uma área de estudos que engloba a educação de estudantes Público-Alvo da Educação Especial (PAEE), prioritariamente na escola regular.

Como área de conhecimento, a Educação Especial deve ser construída em rede de colaboração para proporcionar qualidade no desenvolvimento aos estudantes PAEE. Assim, deve ser composta por inúmeros profissionais, como pedagogos, psicólogos, fisioterapeutas, professores, educadores especiais, terapeutas ocupacionais e também os professores de Educação Física.

A Educação Física é um campo de estudo que aborda a cultura corporal do movimento (BRASIL, 1997). Nessas aulas, o estudante explora e conhece os limites do seu corpo, interage com o ambiente e ainda usufrui de benefícios fisiológicos, psicológicos e motores advindos da prática esportiva. Assim como para as demais pessoas, também àquelas pertencentes ao PAEE o esporte funciona como uma atividade que proporciona estímulos importantes para o desenvolvimento pleno nos campos físico, motor, afetivo, social e cultural.

Um desses campos que a Educação Especial abarca é a Educação Física adaptada, mais especificamente o esporte adaptado. A historicidade da Educação Física aponta para uma cultura de preconceito que prioriza a prática dos mais aptos, desfavorecendo as pessoas com deficiência. Nesse contexto, professores e pesquisadores buscam elaborar novos programas de ensino que se adaptem às particularidades dos alunos com deficiência e que promovam uma prática esportiva não excludente.

O intuito desta obra¹ é o de apresentar um programa de ensino das habilidades manipulativas do *badminton* e apresentar, no programa, as estratégias e recursos primordiais para o ensino dessa modalidade e, assim, contribuir para o desenvolvimento global de estudantes com deficiência.

Para Gorla, Araújo e Rodrigues (2009, p. 53), “na criança com atraso motor ou intelectual, o domínio gradativo de seus movimentos depende em grande parte do ensino que recebe”. Portanto, torna-se essencial estimular as capacidades e habilidades não apenas no desenvolvimento motor, mas no desenvolvimento global dos estudantes com deficiência.

Uma maneira de oferecer esses estímulos que influenciam no desenvolvimento do estudante com deficiência são as modalidades esportivas. O *badminton* é um esporte manipulativo que contribui para a estimulação motora, pois possui estímulos visuais, motores e psicológicos, como a experiência de acerto e erro. Ao relacionarmos a falta de material acadêmico produzido em torno dessa modalidade, bem como os benefícios que ela proporciona, como a melhora da coordenação motora (STRAPASSON; DUARTE; PEREIRA, 2012), as interações sociais oportunizadas pelo esporte (TJEERDSMA; RINK; GRAHAM, 1996) e vivências que estimulam a capacidade e potencialidade dos sujeitos (ARAÚJO, 2012), torna-se imprescindível sua grande relevância acadêmica e social, uma vez que a proposta de um programa de ensino das habilidades manipulativas do *badminton* pode promover uma equiparação de oportunidades, propiciando aos estudantes com deficiência a prática desse esporte e todos os benefícios que a modalidade possibilita.

¹ Esta obra é fruto de adaptações de partes da dissertação, **Programa de ensino das habilidades manipulativas do *badminton* para adolescentes com síndrome de Down**, de Amália Rebouças de Paiva e Oliveira, sob orientação de Adriana Garcia Gonçalves

CAPÍTULO 1

A educação física e o esporte
adaptado: a democratização
da prática esportiva

Definições de termos

Este tópico que trata sobre terminologia específica da área da Educação Física não objetiva promover uma discussão terminológica referente aos termos utilizados por diversos autores nem realizar uma retrospectiva da terminologia adotada. Entretanto, é importante salientar que quando falamos em atividade física para pessoa com deficiência, existem diversas nomenclaturas utilizadas, como, por exemplo, atividade física adaptada (GORGATTI; COSTA, 2008) (MAUERBERG-DE CASTRO, 2005), atividade motora adaptada (RODRIGUES, 2006) e educação física adaptada (GORLA; ARAÚJO; RODRIGUES, 2009).

Neste livro, adotaremos o termo atividade física adaptada, pois, como afirma Sherrill (1998) trata-se de um termo “guarda-chuva” no qual se enquadram todos os tipos de atividades ou serviços que promovem saúde e oportunidade como estilo de vida ativo, reabilitação e que contribuem para a inclusão das pessoas com deficiência, proporcionando para elas maior autonomia e independência. Ao tratarem de uma ou mais modalidades esportivas específicas, os termos adotados serão, respectivamente, esporte adaptado e/ou esportes adaptados.

Um breve caminho da Educação Física à atividade física adaptada

O histórico excludente da Educação Física é marcado por concepções militaristas e higienistas (GÓIS JUNIOR, 2000). Chicon (2008) aponta que os pensamentos higienistas e militaristas que nortearam essas práticas influenciaram de maneira decisiva “para que as pessoas com necessidades especiais fossem concebidas como doentes que precisavam ser curadas, habilitadas e preparadas para participar da vida em sociedade” (CHICON, 2008, p. 17).

A introdução do esporte, propriamente dito, na Educação Física ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, e, no ano de 1964, a tendência tecnicista ganha força. Nessa concepção, o esporte é embasado nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade (COSTA; SOUSA, 2004). Oliveira (2002) revela que as leis de 1968 (Lei 5.540) e de 1971 (Lei 5.692 e decreto 69.450) impuseram os padrões de referência para a prática da Educação Física. Para o autor:

As práticas escolares de educação física passaram a ter como fundamento primeiro a técnica esportiva, o gesto técnico, a repetição, enfim, a redução das possibilidades corporais a algumas poucas técnicas estereotipadas (Oliveira, 2002, p. 53).

Percebe-se que mesmo com a transição das correntes higienista e militarista para a tecnicista, continua-se a promover uma prática excludente centrada nos mais aptos. Pedrinelli e Venguer (2008) ressaltam que, ao longo do tempo, fomos treinados para associar a prática da Educação Física e do esporte ao desempenho e ao rendimento, na qual existem os mais fortes, os mais habilidosos e os melhores.

Winnick (2004) aponta que embora há muito tempo o exercício tenha caráter terapêutico, a atividade física pensada para suprir as necessidades das pessoas com deficiências é um fenômeno recente. E ainda destaca que não obstante o empenho para servir essa população ter sido iniciado durante o século XIX, passam a receber atenção significativa apenas no século XX.

O esporte adaptado

O esporte adaptado é compreendido como o esporte que foi modificado ou criado especificamente para suprir algumas necessidades das pessoas com deficiência (WINNICK, 2004). Para o autor:

Com base nessa definição, o basquetebol, por exemplo, é um esporte regular, ao passo que o basquete em cadeira de rodas seria considerado um esporte adaptado. O golbol (jogo criado para pessoas com deficiência visual no qual os jogadores tentam rolar a bola – que emite som – em direção ao gol adversário) é um esporte adaptado, pois foi criado para suprir necessidades especiais (WINNICK, 2004, p. 6).

Segundo Gorgatti e Gorgatti (2008), em 1870 ocorreram, nos Estados Unidos, as primeiras participações em competições esportivas organizadas por escolas especiais para crianças surdas. O esporte adaptado crescia timidamente em 1924, com os Jogos do Silêncio. Entretanto, o marco inicial do esporte para as pessoas com deficiência foi o término da Segunda Guerra Mundial (ARAÚJO, 1996).

Com o fim da Segunda Guerra, muitos soldados regressavam feridos, amputados, com lesões motoras, problemas de visão e audição. Os governos vislumbravam, no esporte, uma alternativa de reabilitação e superação (ARAÚJO, 2011; GORGATTI; GORGATTI, 2008).

No Brasil, o desenvolvimento do esporte para pessoas portadoras de deficiência física data de 1958, com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. A educação física começa a se preocupar com atividade física para essas pessoas apenas, aproximadamente, no final dos anos de 1950, e o enfoque inicial para a prática dessas atividades foi o médico. Os programas eram denominados ginástica médica e tinham a finalidade de prevenir doenças, utilizando para tanto exercícios corretivos e de prevenção (COSTA; SOUZA, 2004, p. 17).

Para Oliveira, Faustino e Seabra Junior (2014), o esporte adaptado possibilitou o acesso ao esporte para pessoas com deficiência e, com isso, essas pessoas começaram a usufruir dos benefícios que a prática esportiva proporcionava. Nessa mesma vertente, Cardoso (2011) aponta que a prática do esporte adaptado é essencial para a qualidade de vida da pessoa com deficiência.

Grandes benefícios são evidenciados com a prática desportiva por pessoas com deficiência, entre estes podem ser destacados a reabilitação física, psicológica e social, melhoria geral da aptidão física, grandes ganhos de independência e autoconfiança para a realização de atividades da vida diária, além de uma melhora do autoconceito e da autoestima dos praticantes (Cardoso (2011, p. 530).

Com a finalidade de demonstrar um panorama a respeito do esporte adaptado, foram selecionados estudos que abordaram o esporte adaptado para pessoas com deficiência. O **Quadro 1** apresenta os artigos encontrados na base de dados do Scielo e no portal de periódicos da CAPES.

Quadro 1 – Artigos encontrados na base de dados Scielo e portal de periódico da CAPES

Base de dados	Tipo de estudo	Título	Autor/ Ano
Portal de periódico da CAPES	Artigo	Atendimento especializado em esporte adaptado: discutindo a iniciação esportiva sob a ótica da inclusão	Beltrame e Sampaio, (2015)
Portal de periódico da CAPES	Artigo	Futebol para amputados: aspectos técnicos, táticos e diretrizes para o treinamento.	Simim <i>et al.</i> (2015)
Portal de periódico da CAPES	Artigo	Futebol de cinco para deficientes visuais	Simim <i>et al.</i> (2015)
Portal de periódico da CAPES	Artigo	Tênis de mesa adaptado em Goiânia.	Silva e Fonseca (2015)
Scielo Portal de periódico da CAPES	Artigo	O sentido do esporte para atletas de basquete em cadeiras de rodas: processo de integração social e promoção de saúde	Costa <i>et al.</i> (2014)
Scielo Portal de periódico da CAPES	Artigo	Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas	Costa e Silva <i>et al.</i> (2013)
Portal de periódico da CAPES	Artigo	Importância da prática esportiva como meio de inclusão social para pessoas com deficiência mental na cidade de Montes Claros – MG	Moura <i>et al.</i> (2012)
Banco de teses e dissertações da CAPES	Tese	Pessoas com deficiência e o esporte adaptado: a questão da inclusão e da inserção social.	Vargas (2011)
Banco de teses e dissertações da CAPES	Tese	A pedagogia do voleibol sentado: possibilidades inclusivas na educação física escolar.	Miron (2011)

Continua

Banco de teses e dissertações da CAPES	Dissertação	Validação de uma bateria de testes de habilidades motoras para atletas de handebol em cadeira de rodas.	Costa e Silva (2011)
SciELO Portal de periódico da CAPES	Artigo	A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado	Cardoso (2011)
SciELO Portal de periódico da CAPES	Artigo	Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea	Marques <i>et al.</i> (2009)
Portal de periódico da CAPES	Resumo	A prática do atletismo para pessoas com deficiência visual na FCT/ Unesp de Presidente Prudente.	Bausas Junior <i>et al.</i> (2007)
Portal de periódico da CAPES	Resumo	Aprendendo com o corpo deficiente	Pires Junior <i>et al.</i> (2006)

Fonte: elaboração própria

Os estudos selecionados foram lidos na íntegra, sendo que cinco deles contemplaram as contribuições do esporte para a inclusão social. Os demais abordaram aspectos gerais do esporte adaptado ou alguma modalidade específica.

O único trabalho que abordou a reabilitação por meio do esporte foi o de Cardoso (2011). A revisão realizada pelo autor abordou toda a questão histórica do esporte adaptado, mais especificamente a utilização do esporte na reabilitação de pessoas com deficiência. O autor conclui que a prática do esporte promove bem-estar e qualidade de vida, permite que o sujeito teste suas potencialidades e limitações e apresenta o esporte como uma alternativa de prevenir algumas doenças secundárias.

Moura *et al.*, (2012) e Costa *et al.*, (2014) desenvolveram pesquisas similares. Moura *et al.* (2012) aplicaram um questionário em 50 participantes (pais e alunos com deficiência) e foi possível concluir que o esporte é um agente facilitador da inclusão social. Os autores ainda ressaltaram que a maior participação das pessoas com deficiência intelectual em esportes tem sido observada em projetos comunitários, programas de incentivo ao esporte e na Educação Física escolar. Costa *et al.* (2014) também aplicaram questionários e uma entrevista semiestruturada em 25 atletas de três equipes espor-

tivas de basquete sobre rodas do estado do Paraná. Os dados mostraram que o esporte teve impacto positivo nas interações sociais dos atletas, bem como na melhora de sua qualidade de vida.

Vargas (2011) também utilizou entrevista para investigar a influência do esporte adaptado na inclusão das pessoas com deficiência; entretanto, para complementar, o autor realizou observações que foram registradas em diário de campo. Participaram da pesquisa três grupos que praticavam algum esporte adaptado. O primeiro deles praticava o futebol; o segundo, a natação; e o terceiro, o basquete. O autor concluiu que o esporte é primordial na vida da pessoa com deficiência, bem como no apoio dos familiares e amigos que os incentivaram a iniciar uma prática esportiva.

Na complementação da pesquisa desenvolvida por Vargas (2011), Beltrame e Sampaio (2015) utilizaram a entrevista para analisar e discutir, a partir da percepção de seus professores, se o Centro de Iniciação Paralímpica atende aos referenciais de uma proposta de educação inclusiva. A partir dessa análise, os autores concluíram que:

A partir de um consenso que reconhece práticas esportivas como elementos importantes na formação do indivíduo, porém com os resultados de sua prática controversos, na medida em que seus objetivos convergem para a competição e alto rendimento e pouco se direcionam para uma prática educativa inclusiva, o projeto CID-PL, conforme apresentado no discurso de seus professores, está distante do propósito da educação inclusiva, embora parte de suas práticas não as negue (Beltrame e Sampaio (2015, p. 386).

Fato é que o esporte de alto rendimento sempre irá exigir o máximo de desempenho de seus praticantes, sejam eles pessoas com ou sem deficiência. O importante é que existam, concomitantemente ao esporte de alto rendimento, práticas inclusivas e estimuladoras que trabalhem o esporte sob a perspectiva da inclusão, como oportunidade de desenvolvimento e qualidade de vida para seus praticantes.

A maioria dos estudos abordou o ensino e/ou o treinamento de alguma modalidade adaptada. Silva e Fonseca (2015) aplicaram uma entrevista para verificar o programa de ensino/treinamento dos atletas de tênis de mesa adaptado em Goiânia. Da análise de dados surgiram quatro categorias: organização do tênis de mesa

adaptado em Goiânia; financiamento do tênis de mesa adaptado; estrutura física e materiais do tênis de mesa adaptado; tempo de treino. No que tange à organização, os autores explicam que apesar de esse esporte ter surgido com o intuito de reabilitação, hoje ele tem muitos e apenas uma instituição em Goiânia oferece essa modalidade. Seu financiamento é escasso, mas a associação tenta direcioná-lo para ajudar os atletas. Sua estrutura física é limitada e a falta de materiais advindas dessa modalidade atrapalha o desenvolvimento dos atletas.

Pires Junior *et al.* (2006) apresentaram um projeto desenvolvido na Unesp de Bauru que objetivava promover práticas esportivas para pessoas com deficiência que contribuíssem para o desenvolvimento motor dos participantes. Participaram do projeto 12 pessoas com tipos variados de deficiência. As atividades promovidas eram danças, práticas esportivas, exercícios resistidos e práticas diversas. A maior dificuldade relatada pelos autores foi a falta de acessibilidade, que dificultava a frequência dos participantes.

Miron (2011) objetivou sistematizar, aplicar e analisar um programa de ensino de vôlei sentado para alunos com e sem deficiência física. Foi uma pesquisa qualitativa que coletou dados por meio do protocolo de observação e diário de campo e também por um questionário. Os participantes foram 120 alunos da quinta e sexta séries (atualmente, sexto e sétimo anos) de uma escola estadual, com pelo menos um aluno com deficiência em cada turma. O programa foi desenvolvido por meio de jogos na posição sentada como estratégia de sensibilização da inclusão de pessoas com deficiência. Como resultado, o autor apresentou a estrutura do programa, o planejamento das aulas, os fundamentos do voleibol sentado e as atividades propostas nos três níveis: nível preparatório, nível adaptado e nível global. Os dados mostraram que em 98% das atividades desenvolvidas houve a possibilidade positiva de relações interpessoais entre os alunos com e sem deficiência.

Dois estudos abordaram a questão do futebol para pessoas com deficiência. Simim *et al.* (2015) realizaram uma revisão da literatura que buscou analisar os estudos desenvolvidos com a temática do futebol de cinco para pessoas com deficiência visual. Para tanto, foram analisados artigos em língua portuguesa e língua inglesa em seis bases de dados. Os estudos encontrados abordavam a apresentação do futebol de cinco para a comunidade científica, o contexto histórico e também alguns aspectos táticos do jogo. Os

autores recomendam que sejam desenvolvidos mais estudos que abordem os aspectos do treinamento, aspectos técnicos da aprendizagem, iniciação e treinamento do futebol de cinco.

Em outro estudo, Simim *et al.* (2015) objetivaram descrever os aspectos técnicos e táticos do futebol para amputados. A coleta de dados aconteceu por meio da observação do treinamento do futebol de cinco durante cinco anos. Os dados foram catalogados e registrados em um formulário. Foram registradas 302 sessões de treinamento. Os autores sugerem que o processo de ensino e treinamento seja baseado na dinâmica do jogo e nos aspectos individuais e coletivos.

Referente ao atletismo, foi encontrado um estudo que objetivou promover sua prática para pessoas com deficiência na Universidade Estadual Paulista - Unesp, campus de Presidente Prudente, possibilitando a inserção dessas pessoas em competições regionais e nacionais. Sete atletas participaram do treinamento, e foi possível observar bons resultados nos campeonatos de que participaram. Os autores ressaltaram, ainda, que a prática esportiva proporcionou à pessoa com deficiência aumento da autoestima, independência e autonomia (BAUSAS JUNIOR, *et al.*, 2007).

Costa e Silva (2011) desenvolveram um trabalho para validar uma bateria de testes motores para atletas de handebol em cadeiras de rodas. A bateria de testes foi composta de cinco testes, sendo eles: velocidade, bloqueio, condução da bola, precisão de passe e eficácia do arremesso. A bateria foi considerada objetiva, pois não foram encontradas divergências nas avaliações realizadas por diferentes avaliadores.

Marques *et al.* (2009) objetivaram buscar as similaridades e divergências entre o esporte olímpico e o esporte paralímpico. Referente às similaridades, os autores apontaram que ambos possuem a presença das características do esporte moderno. As divergências referem-se à gênese e também à tendência mercadológica do esporte olímpico. Quanto ao esporte adaptado, foi possível destacar a criação de modalidades específicas, como o golbol.

Os estudos destacados neste tópico revisam, complementam e reforçam, mais uma vez, a importância do esporte e da atividade física na estimulação motora e no desenvolvimento de pessoas com e sem deficiência.